

## APRESENTAÇÃO

### **Metodologias pós-coloniais: horizontalidade, co-produção e co-investigação**

Em seu 11<sup>o</sup> ano, a REALIS continua buscando inovar em seu propósito de divulgação científica de estudos antiutilitaristas e pós-coloniais e o número agora apresentado, uma coedição com os Cuadernos abiertos de crítica y coproducción (CACyC), foi concebido visando fortalecer nossas já consolidadas redes internacionais de cooperação científica e acadêmica, especialmente construídas a partir do Sul global. Produzido por membros do Grupo de Trabalho “Prácticas emancipatorias y metodologías descolonizadoras transformadoras” do CLACSO, os CACyC teve sua primeira edição em 2018.

Esta coedição é a vigésima-terceira edição da REALIS, correspondente ao Vol. 12, N.2 (2022.1) e em resposta à chamada que foi divulgada, recebemos artigos de diferentes países, com propostas epistemológicas inovadoras e que, desde realidades empíricas diversas, buscam oferecer perspectivas analíticas ao cerne desta coedição, isto é, refletir as metodologias pós-coloniais - horizontalidade, co-produção e co-investigação. Acreditamos que a pandemia de covid-19 evidenciou novas dimensões colonizadoras e potencializou outras já existentes, isso pode ser verificado através da maioria das atuais investigações transdisciplinares, como também nas práticas metodológicas utilizadas nas ciências humanas e que são cada vez mais circunscritas por “indicadores de qualidade” mercantilizados e/ou que reforçam as fragmentações disciplinares, os solipsismos, a desvinculação com as ciências sociais e o domínio planetário da propriedade intelectual e seus respectivos mecanismos de colonialidade que ocorrem, sobretudo, através do gerenciamento das patentes.

Estas conjunturas sócio-políticas - que são reflexos da dinamicidade das matrizes coloniais do poder mais amplas - poderiam ser refletidas, por exemplo, na materialização das relações acadêmicas que operam sob os padrões epistêmicos do “individualismo” e sua consequente marginalização do intelecto coletivo internacional crítico. Frente aos obstáculos epistêmicos que estão (re)emergindo através de resistências às metodologias científicas dialógicas, os textos desta coletânea orientam-se para contribuir com seus aportes para as emancipações pós-coloniais, no sentido de traçar novos horizontes investigativos nos quais a premissa de que “outra (forma de pensar e fazer) ciência é possível e necessária” adquira inteligibilidade e viabilidade.

Os textos desta coedição bilíngue (com textos em português e em castelhano) evidenciam que embora estas práticas metodológicas “pós-coloniais” possam adotar distintas denominações, como por exemplo: colaboração, co-criação, sócio-práxis, militância, horizontalidade, co-investigação ou co-produção, elas possuem em comum o propósito de derrubar a ideia de “torre de marfim”, onde os “acadêmicos” produziram conhecimentos sobre “outros” desde suas insularidades e sem a participação efetiva destas alteridades nem nos resultados das produções científicas e nem tampouco nos métodos de investigação. Ou seja, as práticas metodológicas que compõem esta coedição buscam não somente questionar estes etnocentrismos científicos, como oferecer possibilidades, desde exemplos concretos, para o desenvolvimento de metodologias coletivas de “acesso aberto”, participativas e que se baseiam na convicção de que com tais iniciativas, poderemos avançar cientificamente e, ao mesmo tempo, contribuir ao giro paradigmático que possa conduzir ao bem comum ecosocial.

Gostaríamos de agradecer a todas e todos que contribuíram para a consecução deste número: colegas e amigas/os do CACyC - especialmente Alberto L. Bialakowsky, Luz M. Montelongo e Juan B. Ferenaz, aos autoras e autores, membros do comitê editorial e científico do CACyC e da REALIS, pareceristas e também ao Secretário de Redação da REALIS, Éder Leão. A imagem que ilustra a capa é uma imagem em aquarela intitulada “Balcones” e criada por Alberto L. Bialakowsky, Luz M. Montelongo e Nora M. Haimovici para retratar o Centro histórico de Querétaro (México). Em uma coedição cujo cerne epistemológico é a co-produção, acreditamos que esta imagem, criada por dois dos quatro organizadores desta

coletânea, representa bem este intento de valorizar a horizontalidade e produção coletiva dos conhecimentos, das artes e da vida cotidiana de forma geral.

Os debates desta edição se iniciam com o texto *“Fusiones entre feminismo y ambiente: Pedagogías feministas decoloniales para una Ley Integral de Educación Ambiental en Argentina”*. As autoras Ruth Sosa, Claudia Costinovsky e Mariela Morandi refletem sobre as pedagogias pós-coloniais e sobre os “Feminismos do Sul” através da análise da Lei de Educação Ambiental na Argentina aprovada após uma grande mobilização de coletivos em defesa do meio ambiente. As autoras defendem que a perspectiva do “giro corporal-afetivo” interpela o conceito de ciência e de verdade, a universalidade dos conhecimentos, assim como os processos de construção, justificação e validação dos mesmos, isso ocorre, principalmente, porque os Feminismos do Sul e suas pedagogias oferecem perspectivas sólidas para processos mais amplos de mudança social a partir de uma nova normativa jurídica em relação à proteção do meio ambiente naquele país.

No texto seguinte, *“Coinvestigación e investigación acción. Metodología, política y compromiso científico”*, Francisco Nicolás Favieri e Paloma America Chousal Lizama refletem sobre a proposta de co-investigação de Raniero Panzieri marcada no Configuracionismo Latinoamericano, com a intenção de compará-la com algumas contribuições trazidas pelo legado teórico de Orlando Fals Borda e sua premissa de “Investigação Ação”. Os autores questionam os fundamentos metodológicos, os aspectos associados ao compromisso e à política no “fazer científico” e conseguem identificar similaridades e diferenças entre elas, o que ajuda a contribuir ao debate sobre a co-produção do conhecimento nas conjunturas sócio-políticas atuais. Trata-se de um artigo que revela a importância e o valor das discussões de parte da recente tradição crítica na América Latina e sua vigência na contemporaneidade para o fortalecimento de metodologias participativas que encontrem alternativas possíveis na criação coletiva do conhecimento.

Silvana Colombelli Parra Sanches avalia as experiências e (des)caminhos que marcaram a sua própria trajetória de professora-pesquisadora ao optar pela prática educativa a partir da diferença cultural. Em seu texto “Colonialidade do saber e o campo da educação. fissuras, rizomas e fronteiras”, Sanches analisa os resultados que provocaram

alterações significativas no microcosmo onde ela atua e que se referem à colonialidade e ao pensamento abissal.

Nicolás Marrero e Noelia López, em seu instigante texto *“Gestión algorítmica, control y resistencia en las plataformas de reparto en Uruguay”*, analisam as formas de controle dirigidas à captura do saber social e identificam mecanismos de coerção, consentimento, vigilância e subordinação do trabalho, assim como resistências das e dos trabalhadores nesta plataforma de distribuição analisada. Além de uma combinação de controle algorítmico, modulação de subjetividades em competências caracterizadas no discurso do "self-empendedor" e insistência em modelos de gestão que reforçam a precariedade do trabalho, o artigo também identificou uma variedade de formas de resistências que evidenciam novas formas de organização e ações coletivas emergentes. A investigação foi realizada dialogicamente com as organizações de trabalhadores do setor e outros investigadores sociais e isso possibilitou aos autores explorar de forma criativa a alternativa da co-produção investigativa e seus respectivos potenciais e sentidos transformadores.

O tema da colonialidade do saber como obstrução do acesso à pós-graduação stricto sensu no Brasil é analisado no texto *“A Colonialidade do saber em pós-graduações stricto sensu: a emergência da decolonização das epistemologias do conhecimento”*. A partir de uma metodologia participativa, os autores Leandro Aparecido Fonseca Missiatto e Héverton Magno Missiatto promovem reflexões sobre a colonialidade como uma fratura ontológica que atua na produção de identidades subalternizadas a partir do escoamento à dimensão do não Ser dos povos ameríndios, afro-americanos e dos gêneros historicamente dominados. Ambos autores discutem ainda o uso da língua e da linguagem pelos programas de pós-graduação stricto sensu como ferramentas de colonialidade do saber/poder que agem no sentido de definir a quem pertencem os espaços de produção de conhecimento e para quem se destina o conhecimento ocidentalizado.

*“Manifiesto Pandemos. Restos de una grupalidad antiviral”* é um texto escrito por Diego Ezequiel Litvinoff, Tam Painé Ciai, Gustavo Lorenzo, Natalia Capmourteres, Carmen Tedeschi, Geraldine Guterman e Lorena Soroka e que dialoga com a tradição dos manifestos como estratégia para fazer visível às indagações dos “grupos críticos”. Pandemos é um grupo

híbrido, atravessado pela inquietude de enfrentar os desafios do mundo contemporâneo no contexto da pandemia de covid-19 e neste artigo, seus membros discutem os modos nos quais a lógica do capital opera nos campos em que desenvolvem suas atividades e onde se propõem a intervir com investigações e criações. Trata-se de um texto criativo e que expõe de forma pertinente alguns limites e possibilidades da co-investigação e da co-produção científica e cultural.

Allen Cordero Ulate, em seu texto *“Cambio climático y medidas para enfrentarlo en el territorio indígena de Salitre, Costa Rica”*, apresenta os resultados do projeto de investigação intitulado *“Paisajes indígenas y cambio climático. Casos seleccionados en la provincias de Puntarenas y Limón”*, realizado pela Escola de Sociología da Universidade de Costa Rica.

Em seu ensaio *“Unos artistas se sublevan: cuando el arte tensa la hegemonía”*, Nora Garita apresenta um trabalho interessante que analisa como importantes temas da colonialidade e da horizontalidade estão presentes em obras de artistas latino-americanos.

Esta coedição ainda traz a entrevista *“Horizontalidad y las nuevas posibilidades de producción del conocimiento”* de Sarah Corona y Olaf Kaltmeier, Alberto L. Bialakowsky (participou da elaboração do roteiro das perguntas) e a entrevista foi conduzida por Luz M. Montelongo, Juan B. Ferenaz e Marcos de Araújo Silva no dia 14 de janeiro de 2022. Em tal entrevista, os entrevistados puderam aprofundar alguns elementos centrais à proposta da "produção horizontal de conocimientos" e abordam alguns dos desafios no campo acadêmico-científico para estas iniciativas epistemo-metodológicas que circunscrevem os debates que atravessam os trabalhos incluídos nesta publicação e que eles têm trabalhado por mais de 20 anos. Por fim, temos a resenha escrita por Ruth Sosa sobre o importante livro *“Peregrinajes. Teorizar una coalición contra las múltiples opresiones”* de María Lugones, publicado em Buenos Aires no ano de 2021.

Enfim, acreditamos que através desta coedição, oferecemos aos leitores um número profícuo e relevante, com reflexões criativas e pertinentes que possibilitam a estruturação de diversas perspectivas de análise sobre as chamadas metodologias pós-coloniais, tanto em

termos de premissas epistemológicas, quanto de aprofundamento e dinamização a partir de exemplos concretos de horizontalidade, co-produção e co-investigação.

**Buenos Aires / Londres, 12 de Junho de 2022**

**Alberto L. Bialakowsky**

**Luz M. Montelongo**

**Juan B. Ferenaz**

**Marcos de Araújo Silva**